

## RESENHA

### EDIL SILVA COSTA ET AL. (ORG.) — VOZES, PERFORMANCES E ARQUIVOS DE SABERES

COSTA, Edil Silva; FERNANDES, Frederico Augusto Garcia; ARAÚJO, Nerivaldo Alves. (Org.). *Vozes, performances e arquivos de saberes*. Salvador: Eduneb, 2018, 325 p.

Olindina do N. Santos<sup>1</sup>

Priscila Cardoso de Oliveira Silva<sup>2</sup>

A ampliação dos estudos culturais tem estimulado cada vez mais o cruzamento de temas, promovendo uma reflexão crítica acerca do *status* da cultura na sociedade contemporânea. Neste cenário, a coletânea de artigos intitulada *Vozes, Performances e Arquivos de Saberes*, organizada por Edil Silva Costa, Frederico Augusto Garcia Fernandes e Nerivaldo Alves Araújo (Eduneb, 2018, 325 páginas), é composta por treze capítulos com temas e pontos de vista diversos, na qual as poéticas orais são o eixo comum. Em sua maioria, os textos coligidos agrupam autores e pesquisadores que compõem o Grupo de Trabalho (GT) de Literatura Oral e Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (Anpoll). Vale ressaltar que, com esse livro, o GT busca ampliar um projeto voltado aos estudos das poéticas da voz, associando-os a uma história de trabalho que vem sendo realizada há mais de três décadas de modo contundente. Além disso, traz à baila os desdobramentos decorrentes do “IV Seminário Brasileiro de Poéticas Oraís”, ocorrido na Universidade Estadual da Bahia, Cam-

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Universidade do Estado da Bahia. (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Endereço eletrônico: ollynascimento@omail.com.

<sup>2</sup> Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Universidade do Estado da Bahia. (Pós-Crítica/UNEB). Endereço eletrônico: prioliveira1983@hotmail.com.

pus II, em Alagoinhas, nos dias 26 e 27 de abril de 2017. Nesse arcabouço poético, é necessário evidenciar que os estudiosos desenvolvem projetos de pesquisa sobre Literatura Popular, Narrativa Oral, Interculturalidade, Pós-Colonialismo, Colonialismo, Poéticas de Voz e Ensino, Cultura Popular, Poesia Oral, Literatura Popular e Africanidades, Identidade e Pertencimento, Manifestações Oraís, Literatura Portuguesa e Luso-Africanas, Antropologia e História, Diáspora Africana, Oralidade e Escrita, Poesia, Canto e Contos. Neste contexto, o livro traduz a proposta de um projeto intercultural com possibilidade de abertura a diálogos em campos diversos, tecida em uma obra marcadamente plural no que tange à cultura popular, entrecortada de/por vozes e saberes.

Numa perspectiva mais geral dos estudos apresentados, destacam-se os capítulos que descrevem as culturas afro-brasileira e africana, como “O voo do besouro na ginga do corpo: das rodas de capoeira às tintas dos livros; dos acordes das músicas à imagem das telas” (João Evangelista do Nascimento Neto), o qual permite ao leitor reconhecer a construção do herói a partir do capoeirista Besouro. Na representação de um corpo que “pensa e vive” através da performance, reside também resistência, que se reatualiza a cada manifestação e impulsiona a potência da cultura afro-brasileira nos dias atuais. Uma identidade cultural que presentifica o passado, renovando uma tradição. Para isso, utiliza como fonte perene a memória, esta, que por sua vez, é o principal mecanismo para a (re) construção do conhecimento. “A memória é a arma que mantém uma comunidade viva” (p. 22). Foi por meio dela que os povos escravizados conservaram sua história, graças aos poderes de criação e repetição passados de geração a geração. Cantar em voz alta na roda de capoeira é um meio pelo qual se aciona a memória e materializa as experiências individuais e coletivas. No tocante, a roda de capoeira é espaço de fruição, sociabilidade e troca de saberes ancestrais. “É na roda de capoeira, com as músicas entoadas em consonância com o jogo do corpo, que todas as histórias são lembradas” (p. 22).

No que se refere à cultura africana, o texto “De uma voz que ecoa regressos: tradição e oralidade em o **Quente Aconchego da Mãe Negra**, de Sérgio Veiga” (Mauren Pavão Przybylski) faz uma análise sobre o livro de Veiga e traduz que seus escritos possuem grande parte de elementos pertencentes às narrativas moçambicanas sobre a guerra, raça, religiosidade, diáspora, memória, tradição, entre outras. Atenta para a necessidade de valorização das narrativas orais no campo dos estudos literários e mostra como a história oral dá visibilidade a sociedades que estão à margem. Essa postura contribui para o surgimento de muitas histórias que podem ser valorizadas pela superação ou reconhecimento de traumas decorrentes do processo colonizador. Além disso, a autora discute acerca da passagem da oralidade para a escritura, bem como, processos de “transculturação”, “aculturação”, “desaculturação” e “neoculturação”, conceitos trazidos por Fernando Ortiz (p. 71).

Nos dois textos citados, os autores apresentam diversas narrativas que circundam desde a criação de mitos, que povoam o imaginário do Recôncavo a partir de contos e cantos de rodas de capoeira, à história moçambicana que descreve a resistência do colonizador na tentativa de não perder o domínio sobre os povos colonizados.

Já em “Uma cultura das Encruzilhadas: apontamentos sobre intolerância religiosa”, a professora Dr<sup>a</sup> Edil Silva dedica-se a um estudo sobre a intolerância religiosa vivenciada por adeptos de religiões afro-brasileiras. Seus apontamentos têm como fonte pesquisas realizadas em Alagoinhas e região, nos anos de 1997 e 2015. Baseando-se em depoimentos, este trabalho de pesquisa constitui-se num rico documento já no seu nascimento, uma vez que lança um olhar ao mesmo tempo sensível e rigoroso sobre o universo das religiões de matrizes africanas. Estas que, como estratégia de sobrevivência cultural, mantiveram-se por muito tempo afastadas e escondidas, resguardando-se por meio dos segredos dos seus mitos, oralmente transmitidos aos integrantes das religiões e omitidos sistematicamente para os de fora delas.

O texto de Edil Costa ainda examina a presença das igrejas evangélicas e seu crescimento nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, com um marcante avanço nas periferias das áreas urbanas, locais que outrora foram o refúgio dos terreiros de candomblé, para a prática dos seus cultos, já que, precisavam estar afastados e despercebidos do núcleo da cidade. Essa análise não deixa, portanto, de abordar as tensões que decorrem dessa aproximação, onde as igrejas evangélicas buscam demarcar nesse território uma legitimidade sobre o conhecer e relacionar-se com o sobrenatural. Além disso, reclamam para si, também, o dever de converter os praticantes dos cultos afro-brasileiros, manifestando, em alguns casos, reprovação e ojeriza, em outros, uma espécie de compaixão. Entendem que o outro nada sabe e somente através do abandono dos símbolos e ritos da sua religião encontraria a verdade, a partir da conversão ao modo de adoração neopentecostal.

Por sua vez, o capítulo “Memória na (re) constituição do perfil identitário de vaqueiros”, assinado por Maria de Fátima Rocha Medina e sua equipe de pesquisa formada por Maria Aparecida da Rocha Medina e Joanna de Azambuja Picoli, também reforça a importância da memória para a construção da narrativa, por ser um mecanismo que alimenta a subjetividade humana, já que, por meio dela, é possível o registro dos acontecimentos que evidenciam as experiências individuais e/ou coletivas. A memória atua como elemento fulcral para a construção do ato narrativo de Valdomiro Francisco Medina, principal informante. Pois, ele adota em sua enunciação, no intuito de conferir a audiência de seus interlocutores [as pesquisadoras], mecanismos necessários e ligados a uma “sólida matriz de valores” (AQUINO, 1991). Ao mesmo tempo confere ao narrador, no ato performático, o (re) encontro com o “outro” no passado para o reconhecimento do seu “eu” no presente. Um fenômeno interessante, que se revela nas entrelinhas do texto a riqueza dos detalhes decompostos na transcrição da fala do narrador, aliada ao adensamento dos fatos, bem como a temporalidade inaudita, desvelam o registro guardado na memória de seu Valdomiro.

Para as autoras, os contextos político-social e histórico-cultural são fatores fundamentais na formação identitária. E tem-se na enunciação o meio pelo qual os interlocutores constroem e transmitem suas ideologias. Assim, seu Valdomiro toma suas decisões diante e a partir das suas necessidades enunciativas. Em seu depoimento, revela uma dolorosa vida de submissão aliada à forma desumana como os meninos se tornavam vaqueiros; descortina os estratos sociais de um período em que as leis vigentes eram ditas, no sentido literal da palavra, por aqueles que detiam o saber institucionalizado, bem como, o domínio da terra, os fazendeiros. Desse modo, é perceptível que a constituição do menino-vaqueiro foi composta no espaço de controle e subordinação livre de qualquer questionamento. Porém, ao tomar consciência de sua história, o narrador problematiza questões históricas e sociais, que há muito tempo ficaram escamoteadas pelos meandros de uma sociedade que silenciava.

Em se tratando de narrativas de povos indígenas, dois capítulos se aliam: O primeiro, "O mito que vive na voz guarani-mbyá" (Ana Lúcia Liberato Tettamanzy), que propõe uma análise sobre narrativas orais desse grupo indígena e relata o favorecimento da escrita em detrimento da oralidade, o que levou a um sistema de comunicação que destruiu os arquivos de memória e as línguas nativas, provocando o silenciamento das culturas subalternizadas, a exemplo da guarani-mbyá. Assim, o mito surge como resistência epistemológica de descolonização. Por seu caráter sagrado, o mito resistiu melhor que outros gêneros ao processo de aculturação. Por seu turno, o segundo, "Corpo e resistência: a performance de Atahualpa" (Frederico Fernandes) traz uma reflexão sobre a performance do sapa inca Atahualpa às vésperas do massacre de Cajamarca, no ano de 1532. Também neste contexto, aparece a metáfora da dominação da cultura escrita sobre a oral sem que aspectos corporais significativos fossem levados em conta. O corpo é visto como gesto de uma lembrança de revoluções, guerras e revoltas. O corpo como resistência pela sobrevivência, expandindo-se para além da semântica conflitiva da luta. O autor traz como exemplo casos brasileiros, entre eles, Canudos (1886-1897), Caran-

diru (1992), Candelária (1993), Eldorado dos Carajás (1996) e Guarani-Kaiowá (2016), mostrando o corpo morto dos massacres, um corpo em meio aos acontecimentos; traz para o leitor a possibilidade de refletir sobre o conceito de resistência em um “corpomemória”, tomando a memória como o momento de ação de uma força do passado sobre o presente que ressignifica um acontecimento. Assim, a memória também é um espaço de contestação de interesses ideológicos, econômicos e culturais. E o corpo é um foco de contestação da memória social. O capítulo ainda trata dos ensaios de Severo Sarday (1979) em “Escrito sob um corpo” e das discussões sobre emanções energéticas dos corpos pulsantes, tendo a literatura e as artes visuais como fulcros do debate.

Ambos os autores tomam como premissa a importância da palavra para a sobrevivência das comunidades tradicionais indígenas. Os ameríndios, por exemplo, efetivam na sobrevivência de seus mitos um potente elemento descolonizador, assim como manifesta a sabedoria de sua comunidade. “Como narrativa, o mito é fonte inesgotável de esclarecimento sobre aspectos impenetráveis da existência que só encontram (alguma) resposta nesse discurso” (p. 101).

Nessa perspectiva, faz-se necessário evidenciar a potencialidade da oralidade nos textos narrados como uma forma de se observar o papel da voz tradicional presente no narrador que conta sua própria história. Referenciando aos conceitos de memória e performance propostos pelo medievalista Paul Zumthor (2010), pode-se refletir que, de acordo com o desenvolvimento da sua narrativa, faz-se uso de uma série de mecanismos e técnicas que são apreendidos e incorporados ao longo de sua vida. Saberes passados de geração a geração. Ao se pensar, por exemplo, no “Mito da origem do futebol”, presente no texto de Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, percebe-se o registro de uma cultura viva, que busca, por meio do ato de narrar, a re(apresentação) de suas tradições, dessa forma, um meio para evidenciar ancestralidades. Os mitos funcionam como um suporte para a sobrevivência das comunidades indígenas, reforçando suas lutas, crenças e atualizando suas memórias. Nesse processo

criativo e espontâneo, situa-se uma interação dinâmica de contínuas transformações, que se dá no processo enunciativo (a busca pela terra, pela identidade, pela autorrepresentação) e suas possibilidades performativas.

Sobre o livro ainda é possível tecer algumas considerações acerca de textos que reforçam a importância de cantos e cantorias e outras performances musicais.

No capítulo “As andorinhas de viola no reino dos passarinhos de bigode: relações de gênero na cantoria de improviso”, a pesquisadora Andréa Betânia da Silva problematiza a inserção de mulheres em desafios e cantorias, universo tipicamente masculino. Essas mulheres promovem uma reflexão sobre mudança e igualdade. A autora atenta para o fato de que a cultura patriarcal relegou à mulher um lugar secundário nos diversos setores da sociedade, o que não é diferente no setor artístico.

É importante notar como as cantadeiras de repentes constroem um movimento molecular local, que busca romper com os estigmas e lugares formatados para mulheres, no sentido global. Conhecer a história das cantadoras e promover a ampliação de suas vozes é uma ação significativa, que combate o cerceamento imposto, às vezes, dessas mulheres e de tantas outras. Assim, ler/ouvir as “Andorinhas de viola” é também retomar uma história de luta aliada à arte, já que, tais repentistas buscaram desenvolver através de seus cantos temas ligados aos direitos das minorias, dos menos favorecidos e silenciados. Portanto, não se trata apenas de cantarolar, mas de trazer à tona gritos abafados pela negação dos direitos. Desse modo a figura feminina na cantoria ocupa um lugar de rompimento com cantores e saberes pré-estabelecidos, de questionamentos, de situações de subjugação e opressão, trazendo para o cerne a autonomia e a força da mulher cantadeira, que apesar de todas as forças de silenciamentos e negações, continua fazendo ecoar sua voz.

Em “Por que se canta? Rezando os santos católicos no Recôncavo Baiano”, Michael Iyanaga analisa as festas musico-

devocionais realizadas em muitas casas desta região, registradas ao longo de dez anos de pesquisa. O texto é a versão expandida da comunicação “Por que cantam os saberes: as rezas entoadas para os santos católicos no Recôncavo Baiano” apresentada no IV Seminário Brasileiro de Poéticas Oraís. O autor traz à tona a prática de rezar ovacionada pela relação ancestral da tradição fazendo uma comparação entre duas devoções: a reza e o futebol, articulando em sua pesquisa, os ritmos, a performance, as letras, a prática social e a afirmação de identidades encontradas nessas rezas. Era comum no passado as devoções vinculadas às ocorrências milagrosas atribuídas a santos e santas ou a fenômenos, levando os devotos a procurarem os protagonistas de tais feitos, ou os locais onde eles se reúnem para louvar, recorrendo pela superação de suas aflições e dificuldades. Iyanaga assinala neste sentido a importância para que se compreenda de forma razoável uma dada expressão religiosa, tendo que estar atento para essa bidimensionalidade que tendemos a desprezar, o ato de rezar, suas expressões orais, ritualísticas e performáticas.

Em análise etnográfica, “Vissungos: cantos rituais de tradição banto em Minas”, de Sônia Queiroz, registra fragmentos nas memórias de cantos, refletindo que a força do ritual contribui para a preservação do patrimônio linguístico e cultural, além do reconhecimento das marcas de cultura afrodescendentes nas raízes das terras brasileira. É observada a dinâmica cotidiana, atentando para seus ritos e performances, o fenômeno oral das cantigas, utilizado por Paul Zumthor, quando diz que “A oralidade implica tudo o que, em nós, se endereça ao outro, seja um gesto mudo, um olhar” (ZUMTHOR, 1997, p. 203).

Ainda no campo dos cantos e músicas, a musicóloga Katharina Döring explana sobre a capoeira e a música brasileira, analisando a diversidade rítmica e performática da herança africana na Bahia, no capítulo “As vozes nas tradições orais —poéticas sonoras!”. A autora destaca que a expressão e a experiência sonora e performática estão em profunda conexão com as narrativas e memórias orais nas tradições cênico-poéticas musicais brasileiras. É válido salien-

tar, de acordo a autora Sezel Ana Reily, no artigo “A música e a prática da memória — uma abordagem etnomusicologica” (2003, p. 2), que

a etnomusicologia tem se voltado cada vez mais para a documentação da relação entre música e memória compartilhadas, demonstrando que este estudo traz a música também na sustentação da prática de memórias, como um legado performático musical nas tradições orais articulando o presente e o passado, sendo o fazer musical uma prática da memória.

Para além do que já foi descrito, é possível dialogar por meio da leitura do livro com o multiartista baiano Antônio Ribeiro da Conceição, mais conhecido como Bule-Bule, o qual, durante o IV Seminário Brasileiro de Poéticas Orais, já citado neste texto, fez uma apresentação que ele descreve como “aula de vida”. Sua fala e canto são transmitidos no capítulo “As vozes e poéticas orais das músicas e culturas populares”. A apresentação do poeta é realizada por Andrea Betânia da Silva e sua fala, incluindo o debate com o público, é transcrita por Edil Silva Costa.

Bule-Bule, poeta, cordelista, sambador, traz à baila a cultura popular. Com muita sabedoria, abre sua fala com um questionamento: Por que, para o que é importante, nosso tempo é limitado? Nesse sentido, o mestre problematiza questões que são tocantes não somente aos espaços privilegiados, mas a várias esferas sociais. Para ele, aprendizagem consiste num processo cuidadoso que merece atenção e continuidade. As limitações temporais atrapalham a constituição do conhecimento e reforçam a promoção de uma sociedade que está “cheia”, na verdade, de informações vazias.

Com saber notório, produz ensinamentos que encantam, distraem e ao mesmo tempo instruem. É por meio do canto que ele prepara sua audiência, para transmissão do conhecimento. Os versos são entoados e cuidadosamente explicitados seus conteúdos por meio de uma análise interpretativa extremamente didática. Suas exposições permeiam temas de caráter moral, ético, político,

amoroso, dentre outros, sem deixar de lado o humor, fator característico dos textos populares.

Notadamente, o trabalho de Bule-Bule, que seguro do que produz, capta do seu interlocutor a audiência necessária a sua interpretação. Onde seu corpo, voz, gestos atuam num compasso rítmico, preciso, promovendo, assim, a interação entre ele, o emissor, e o público, o receptor.

O texto transcrito pela Professora Dra Edil Costa é o reflexo de um ato em performance, sendo importante suporte desse relato que merece ser transmitido a territórios vastos, seja por meio da letra ou outros meios que medietizam a palavra.

Em "As identidades ribeirinhas e seus alinhavos em narrativas e na poesia oral das margens do Velho Chico", (Nerivaldo Alves Araújo) entrelaça a construção da crítica do autor que demonstra tanto a riqueza e a multiplicidade das fontes produzidas e editadas sobre uma cultura, comunidade, etnias, e línguas cuja tradição oral sofre mudanças e rupturas internas pelos próprios protagonistas; destaca as manifestações culturais desta região em estudo como "alinhavos", comparando com o próprio movimento das águas dos rios, metaforicamente. Em sua análise, o autor percebe marcas da colonização presentes nas letras, a exemplo do desmerecimento do negro, sua cultura e tradição, reproduzindo as correntes etnocêntricas que contribuem para a colonização mental, racista, misógina e homofóbica. Reflete, apontando Stuart Hall (2000), que se faz necessário um investimento em estratégias de (des)alinhavo dessas identidades para serem costuradas com mais liberdade e desprendidas dos elementos subalternizantes.

Por fim, Alvanita Almeida Santos, em "Gêneros da literatura popular: na encruzilhada dos métodos", produz uma reflexão sobre a tradição grafocêntrica da academia e os estudos da oralidade, transmitindo reflexões sobre os conceitos de "literatura", "popular", "oralidade" e "gêneros literários" sob o viés de novas propostas epistemológicas, atentando para a censura e os diferentes mecanismos de exclusão nas práticas orais, ao longo dos séculos, sobre-

tudo, a partir da progressão e da “democratização” da escrita. Salienta-se a exclusão impostas às práticas sociais e orais, resumindo, o que não pode ser dito, o que não pode ser compreendido, interpretado e (re)presentado, salvo pelas categorias da escrita formal. Este livro e seus capítulos despontam no horizonte da pesquisa, na interpretação dos textos, uma obra responsável, por agregar pontos de vista, análises e interpretações sobre várias áreas do conhecimento em torno do fenômeno poético oral, e essa construção da coletânea transita o objetivo de estudo que passa pela reflexão acerca das variações de suporte em torno da oralidade, seja na experiência religiosa, para uma poética, ou do oral como veículo de registro das próprias mudanças culturais percebidas pelo sujeito.

Como vimos, a cultura popular também é transgressora, com afirma Stuart Hall, pois promove outras formas de conceber fatores históricos e sociais. Por meio das narrativas, cantos, rezas, samba, pôde-se visualizar diferentes ideologias culturais. Nesse processo, a poesia popular, atrelada à produção do livro apresentado, possui um caráter político, pois abre espaços para discussões que levam em consideração as manifestações e pensamentos das comunidades narrativas. Particularmente múltipla, esta coletânea de 13 capítulos tem tudo para se tornar uma importante referência no campo da Tradição Oral, em especial, para os interessados nas mais recentes tendências dos estudos das poéticas da voz.

[Recebido: 1 ago. 2019 — Aceito: 5 out. 2019]